

# LINGUAGEM E RELIGIÃO: UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CRISTIANISMO

JANAINE SILVA VASCONCELOS

Especialista, Seminário Batista do Sul, Rio de Janeiro - RJ

YOHANS DE OLIVEIRA ESTEVES

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ  
prof.yohans@faculdadevitoriaemcristo.edu.br

TERESA CRISTINA DOS SANTOS AKIL DE OLIVEIRA

Doutora, Faculdade Vitória em Cristo, RJ  
prof.teresa@faculdadevitoriaemcristo.edu.br



## RESUMO

A linguagem desempenha um papel essencial na vivência espiritual e na transmissão das crenças e práticas religiosas. O presente artigo investiga a influência do Cristianismo na construção e desenvolvimento da diversidade linguística do ambiente cristão, utilizando a sociolinguística como aporte teórica para a análise. A pesquisa destaca a Sociolinguística Variacionista de William Labov como a principal abordagem para o estudo das variações linguísticas. O estudo considera tanto a religião quanto a linguagem como fatos sociais, reconhecendo que ambos são fenômenos dinâmicos, caracterizados por uma vasta diversidade de expressões e práticas. Observa-se que a linguagem utilizada pelos grupos cristãos ao longo da história é heterogênea, refletindo as influências culturais, geográficas e históricas que moldaram essas comunidades no processo de desenvolvimento do Cristianismo. A metodologia adotada é a revisão bibliográfica, fundamentada em autores como Labov (2008) e Durkheim (2000), e outros.

**Palavras-Chaves:** religião, linguagem, sociolinguística, variação linguística, Cristianismo.



## DESENVOLVIMENTO

### 1. Variação Linguística

Antes de abordarmos a língua como um fato social, é pertinente ressaltar os pressupostos estabelecidos por Ferdinand de Saussure (1916), a quem são atribuídos os primeiros estudos científicos no campo da linguística. Saussure dividiu seu objeto de estudo em duas partes: a língua, entendida como um sistema homogêneo e social, e a fala, percebida como um fenômeno heterogêneo e individual. Por meio de suas pesquisas, Saussure demonstrou que o estudo da língua deve ser restrito ao próprio sistema linguístico. Ele argumentou que a língua é um sistema estável, sincrônico e homogêneo, e, conseqüentemente, sua análise deve ser fundamentada exclusivamente em suas relações internas, desconsiderando quaisquer fatores extralinguísticos (Costa, 2013). Essa visão, portanto, divergia significativamente da abordagem saussuriana, ao priorizar a natureza inata da linguagem sobre sua dimensão social.

Avançando para a década de 1960, emergiram as ideias gerativistas, lideradas por Noam Chomsky (1957), as quais adquiriram proeminência no campo linguístico. Essa abordagem teórica postulou que a linguagem é inata e governada por um conjunto de regras universais. Sob essa perspectiva, a língua é concebida como um princípio universal de conhecimento mental, uma competência intrínseca ao indivíduo que não está vinculada a fatores históricos e sociais (Kato, 1986).

Já na década de 1970, observou-se um avanço significativo nos estudos linguísticos, os quais passaram a reconhecer a língua como um fenômeno de natureza social. Em contraposição às concepções de Chomsky, William Labov (1972) sustentou que não há uma comunidade de fala ideal ou um falante-ouvinte ideal. Labov sustentou que as comunidades linguísticas são, na verdade, heterogêneas, pois os indivíduos que as constituem não se expressam de maneira uniforme, mas



utilizam diferentes formas de expressão em distintas situações. Essa visão trouxe à tona a complexidade e a variabilidade inerentes à linguagem, reafirmando a importância de considerar os aspectos sociais e contextuais no estudo linguístico.

O ponto central da abordagem de Labov reside na análise linguística a partir de uma perspectiva que integra o contexto social, abrangendo as variantes e as mudanças linguísticas decorrentes do contato entre diferentes comunidades. Essa abordagem enfatiza a relevância de compreender a linguagem como um fenômeno social, reconhecendo que as formas de fala variam em função dos diferentes grupos sociais, cada um com suas próprias normas e padrões linguísticos. Conforme destacado por Coelho et al. (2012, p.20):

é a partir desse contexto que se posiciona, desde a década de 1960, o linguista William Labov, questionando e propondo um novo olhar sobre a estrutura das línguas e especialmente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguísticas.

A perspectiva de William Labov sublinha a complexidade inerente à interação entre linguagem e sociedade, destacando a importância de considerar os fatores sociolinguísticos na análise das práticas discursivas. Nesse contexto, Labov propôs uma abordagem inovadora para a análise da variação linguística, conhecida como Sociolinguística Variacionista. Segundo Labov, a língua não deve ser vista como uma propriedade individual, pois sua existência e funcionamento estão profundamente enraizados na comunidade de fala em que é utilizada. Em outras palavras, o contexto social do falante influencia diretamente suas formas de expressão linguística. Assim, a língua se configura como um fenômeno social, compartilhado por uma comunidade de falantes, cujo uso e desenvolvimento são moldados pelas interações e experiências sociais dessa coletividade. Esse entendimento levou Labov a defender a importância de "estudar empiricamente as comunidades de fala" como uma nova diretriz para a linguística (Labov, 2008, p. 259).



Conforme destacado por Tarallo (1994, p. 08), a variação linguística, composta por um conjunto de variantes, desempenha um papel central na análise sociolinguística. O estudo da variação da língua é, portanto, crucial, uma vez que os falantes não utilizam as mesmas formas linguísticas de maneira uniforme, mas as adaptam de acordo com suas vivências. Essa adaptação, muitas vezes inconsciente, revela que os falantes compartilham uma norma estabelecida e desenvolvem uma identidade social própria, como é o caso de comunidades religiosas, por exemplo. A sociolinguística, então, permite examinar se os falantes de uma determinada comunidade compartilham os mesmos traços linguísticos, se a linguagem que utilizam é uniforme e se seguem as mesmas formas e expressões ao interagir com outras comunidades.

Ao longo do tempo, é possível observar processos de mudança na linguagem, que refletem essas dinâmicas sociais. Contudo, apesar dessas transformações, a comunicação entre as pessoas continua efetiva, uma vez que a estrutura essencial da língua permanece intacta. Como mencionado por Coelho et al. (2012, p. 92), a existência de duas variantes linguísticas com o mesmo valor de verdade competindo pelo mesmo espaço não significa necessariamente que uma se tornará obsoleta enquanto a outra se estabelecerá como padrão. Um exemplo claro desse fenômeno é o uso do pronome "vós", que, embora menos frequente, ainda prevalece em contextos jurídicos e religiosos, ao passo que "você/vocês" é amplamente utilizado nas interações cotidianas.

Diferentemente das teorias estruturalistas, que defendem a homogeneidade linguística, a Sociolinguística busca explicar a heterogeneidade da língua por meio da análise de fatores internos e externos ao sistema linguístico. Essa abordagem parte do pressuposto de que toda variação é motivada e controlada por diferentes fatores, resultando em uma heterogeneidade linguística sistemática e previsível (Mollica, 2004). Assim, a Sociolinguística reconhece que a língua está em constante



evolução e que as variações linguísticas refletem as influências sociais, culturais e individuais que moldam o seu uso.

Em síntese, a abordagem sociolinguística proporcionou uma nova perspectiva no estudo da língua como um fenômeno de natureza social. A língua é concebida como um sistema dinâmico, influenciado por fatores sociais, culturais, religiosos e individuais, sendo essencial considerar as interações e vivências da comunidade de fala em sua análise. Nesse contexto, a Sociolinguística viabiliza uma análise da linguagem cristã no contexto social religioso, permitindo a observação das variações linguísticas presentes nas comunidades e os diversos estilos de fala e dialetos utilizados.

## 2. Religião e Linguagem

Se considerarmos que tanto os fatores internos quanto os externos exercem influência direta no sistema linguístico de uma comunidade, é válido afirmar que a religião, enquanto fenômeno social, também desempenha um papel significativo nas mudanças e variantes linguísticas observadas em uma comunidade religiosa específica. A religião, como um aspecto central da vida social, não apenas reflete, mas também molda as práticas linguísticas dentro de seu contexto.

[...] um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem. (Durkheim, 2000a, p. 32)

Dentro dessa perspectiva, a linguagem utilizada em contextos religiosos não é apenas um meio de comunicação, mas um reflexo das crenças e práticas que definem a identidade dessa comunidade. A língua, neste caso, torna-se um veículo para a transmissão de doutrinas e tradições, influenciando a forma como os



indivíduos se expressam e interagem tanto dentro quanto fora do contexto religioso.

A Sociolinguística, ao examinar as comunidades de fala, permite uma compreensão aprofundada de como a religião influencia as variantes linguísticas. Os estudos nesse campo revelam que, em comunidades religiosas, existem padrões específicos de discurso que podem incluir o uso de termos arcaicos, estruturas gramaticais distintas e até mesmo a preservação de formas linguísticas que, em outros contextos, podem ter caído em desuso. Esses padrões refletem a função social da língua como mantenedora da coesão e identidade do grupo, fortalecendo os laços entre os membros da comunidade religiosa e diferenciando-os de outras comunidades.

Nesse sentido, a religião pode ser compreendida como um produto social criado por indivíduos que agem e pensam de forma coletiva. Sua influência se manifesta de forma direta no cotidiano de uma comunidade religiosa, impactando desde o ambiente doméstico e os alimentos consumidos até os livros lidos pelos membros desse grupo. Como afirma Berger (1997, p. 33), "a religião é uma construção social que fornece um universo de significado e um sistema de legitimação para as instituições e práticas sociais". Além disso, os rituais religiosos desempenham um papel significativo em momentos cruciais da vida, como nascimentos e mortes, atuando como marcos simbólicos e sociais. A religião, ao estabelecer códigos éticos e morais, contribui para o desenvolvimento de um senso de identidade coletiva entre seus membros, consolidando um conjunto compartilhado de valores e práticas. Ademais, ela tem a capacidade de formar grandes centros sociais, unindo comunidades em torno de símbolos e objetos comuns, e desempenha uma função política ao delinear as características culturais de um determinado povo dentro de um contexto geográfico específico.



De acordo com Aristóteles (384-324 a.C.), a linguagem desempenha um papel fundamental na capacidade humana de estabelecer relações relevantes para o desenvolvimento individual. Isto é, a linguagem desempenha um papel essencial na formação do sujeito, mesmo que essa influência seja indireta, pois a comunicação linguística requer a mediação dos significados antes de serem expressos por palavras. Nesse sentido, o sentido atribuído à linguagem é gerado por motivações, desejos, necessidades, interesses e emoções individuais (Trenti, 1990, p. 120).

Essa visão aristotélica ressalta a centralidade da linguagem não apenas como um meio de comunicação, mas como um mecanismo que influencia profundamente a construção da identidade e da subjetividade humana. Ao atribuir significados às palavras, os indivíduos não só comunicam suas ideias, mas também constroem e expressam suas próprias realidades internas. Como observa Trenti (1990), a linguagem, ao mediar as motivações e emoções individuais, desempenha um papel crucial na formação do pensamento e na organização das experiências subjetivas.

Nesse contexto, a linguagem pode ser vista como um instrumento de poder simbólico, conforme argumenta Bourdieu (1982), ao afirmar que "as palavras não têm apenas o poder de designar a realidade, mas também de influenciar e moldar as percepções dessa realidade". Assim, a linguagem não é neutra, mas carrega consigo as marcas das relações de poder e das estruturas sociais que a sustentam. Ela serve, portanto, como um meio através do qual os indivíduos negociam e afirmam suas posições dentro da sociedade, refletindo e reforçando as dinâmicas sociais existentes.

No entanto, compreender a fala não se limita apenas à compreensão das palavras utilizadas, mas também demanda uma apreensão do contexto cultural no qual essas palavras emergem. Isso ocorre porque o sentido das palavras está



intrinsecamente relacionado ao cenário no qual são empregadas. É importante ressaltar que a modificação do contexto resulta em alterações nos significados atribuídos às palavras (Lopes, 2016, p. 02).

A linguagem religiosa, embora à primeira vista possa aparentar similaridade com a linguagem empregada nas ciências, ao representar fatos, estados de coisas e objetos, possui características distintivas que vão além da mera descrição literal da realidade. Um desafio significativo na análise da linguagem religiosa reside na tendência de interpretá-la de maneira estritamente literal, o que pode obscurecer as camadas simbólicas e espirituais que são essenciais para a compreensão das tradições religiosas. Tal interpretação restrita ignora as complexidades semânticas e pragmáticas que permeiam a comunicação religiosa e que são fundamentais para a vivência e a expressão da fé nas comunidades religiosas. Portanto, torna-se crucial adotar uma abordagem contextualizada no estudo da linguagem religiosa, que permita apreender as tradições culturais e espirituais em sua totalidade, reconhecendo a profundidade e a riqueza simbólica que ela carrega.

Assim, pode-se afirmar que a religião e a linguagem compartilham características dinâmicas, funcionando como organismos em constante adaptação às transformações sociais. Uma vez estabelecidas, ambas continuam a evoluir, refletindo e respondendo às mudanças no tecido social. A linguagem, ao desempenhar um papel essencial na organização e estruturação do mundo, também é fundamental para a própria constituição da religião, que, como outras instituições sociais, depende da comunicação para sua estruturação e manutenção. A relação entre linguagem e religião é evidente no desenvolvimento histórico do Cristianismo, no qual o uso do latim desempenhou um papel central na formação e consolidação da identidade religiosa cristã. Esse exemplo ilustra como a disseminação de uma língua específica podem influenciar profundamente a coesão e a perpetuação de uma tradição religiosa ao longo do tempo.



### 3. Variação Linguística no Desenvolvimento do Cristianismo

O Cristianismo surgiu como uma subcultura inserida em uma matriz cultural preexistente, consolidando-se em um contexto semita específico, onde a língua predominante entre Jesus e seus primeiros seguidores era o aramaico. No entanto, devido à localização geográfica da Palestina sob o domínio romano, o latim adquiriu o status de idioma oficial do império. Paralelamente, em virtude da intensa atividade comercial na região, o grego desempenhava um papel significativo no cotidiano dos habitantes palestinos.

Nesse contexto linguístico diversificado, conforme observado por Mello (1997), "o latim, que era a língua oficial do Império Romano, fazia parte da família de línguas indo-europeias, da qual também derivava o grego". Embora ambas as línguas compartilhassem raízes indo-europeias, elas se desenvolveram de maneira distinta em termos de evolução e estrutura. Ao longo do tempo, tanto o latim quanto o grego originaram variantes regionais e dialetos, refletindo as particularidades e influências locais das regiões onde eram faladas. A esse respeito, Vilas Boas e Hunhoff (2014, p. 2) destacam que:

[...] latim era falado na cidade de Roma e na província do Lácio, no século I a.C. Estendeu-se a toda a Itália e a parte ocidental da Europa, dando origem às línguas neo-latinas: o português, o espanhol, o francês, o italiano, o romeno, o galego, o occitano, o rético, o catalão e o dalmático (este, já extinto). O Latim se espalhou com mais facilidade por ser o idioma oficial do antigo Império Romano.

Essa expansão do latim por diversas regiões resultou em variações linguísticas que refletem a diversidade cultural e geográfica das regiões onde foi falado. Nesse contexto, emergiu a distinção entre duas formas da língua: o latim vulgar e o latim clássico. É importante mencionar que o termo latim vulgar refere-se a um conjunto de variantes diatópicas (geográficas), diafásicas (funcionais) e diastráticas (sociais)



que coexistiam com o latim clássico, a forma mais estilizada e codificada da língua. Importa destacar que o latim vulgar não constituía uma língua homogênea, mas sim uma concepção das variações que diferiam em termos de tempo, espaço e sociedade. Com o passar do tempo, o latim vulgar afastou-se progressivamente do latim clássico. Inicialmente, o latim vulgar podia ser visto como um registro menos formal do latim clássico, com algumas modificações regionais. Contudo, com a queda do Império Romano e as invasões bárbaras, essas diferenças se tornaram mais pronunciadas, manifestando-se no vocabulário, na fonética, na sintaxe e na morfologia.

Conforme observa Samu (2019, p. 6):

Dentro destas nomenclaturas de latim clássico e latim vulgar, encontramos o chamado latim cristão. Entendemos por este a constituição de um modelo de língua pautado nos elementos típicos das comunidades cristãs do Ocidente.

Destaca-se o surgimento do latim cristão, definido como um modelo linguístico fundamentado nos elementos distintivos das comunidades cristãs ocidentais (Ibib, p. 7). Este desempenhou um papel singular no mundo antigo, estabelecendo-se como um sistema linguístico autônomo e distinto em relação ao latim clássico e ao latim vulgar. Esse modelo linguístico exerceu uma influência significativa sobre o vocabulário, a gramática e a estrutura das línguas neolatinas, ao incorporar terminologia religiosa, expressões litúrgicas e padrões específicos de flexão verbal e nominal. Essa influência reflete a relevância histórica do Cristianismo e o papel central da disseminação da fé católica na formação cultural e linguística da região (Ibib, p. 8).

A construção do campo semântico do Cristianismo envolveu a criação de neologismos, isto é, palavras ou expressões recém-introduzidas ou que adquiriram novos significados em uma língua. Esse processo implicou na reinterpretação de diversos termos existentes no latim ou no grego, mediante a transferência de



significados, com o objetivo de expressar os conceitos cristãos, especialmente aqueles de natureza abstrata. Por exemplo, termos como "batismo" e "salvador", que anteriormente possuíam significados específicos no contexto social e cultural romano, passaram por transformações semânticas, influenciadas tanto pelo vocabulário grego quanto pelo romano. Além disso, outros termos de origem grega foram incorporados para expressar conceitos concretos, especialmente no vocabulário técnico da instituição cristã. Nesse contexto, encontram-se termos como "igreja", "bispo" e "apóstolo", todos eles relacionados à estrutura eclesiástica, às práticas cerimoniais e à hierarquia, que foram adaptados e adotados para descrever aspectos específicos da vida religiosa e organizacional do Cristianismo.

A influência do Cristianismo, embora não diretamente associada à constituição do português, foi significativa no tipo de latim que impulsionou a formação da língua em Portugal (Leonardo, 2019, p. 10). Esse Cristianismo, impactante ao ponto de influenciar conquistas e estruturas políticas, também deixou sua marca nas construções linguísticas, especialmente nas modificações semânticas. Como resultado, grande parte da terminologia cristã floresceu em nossa língua. Atualmente, palavras como "Deus", "cruz", "oração" e "fé" possuem significados intrinsecamente ligados às crenças cristãs. Além disso, muitas expressões linguísticas refletem a influência da fé cristã na população brasileira. Frases como "Deus me livre" ou "devo carregar minha cruz" revelam que muitas ideias populares são transmitidas com base nas características do universo cristão (Ibid, p. 15). As referências frequentes aos santos em diversas situações, bem como todas as expressões relacionadas à cultura cristã, evidenciam a presença expressiva da influência do Cristianismo na linguagem cotidiana.

Entre as línguas românicas, o português destaca-se como a única que recebeu influência do movimento cristão na criação dos nomes dos dias da semana. No século IV, o Papa Silvestre oficializou a semana cristã com o objetivo de substituir os nomes dos deuses pagãos que estavam presentes na nomenclatura



dos dias da semana, prática que perdura até os dias atuais em espanhol, italiano e francês. Essa mudança consistiu na nomeação dos dias da semana de acordo com referências religiosas, como o termo "domingo", derivado de "Dia do Senhor", dominicus die (Costa, 1999).

Em suma, o Cristianismo exerceu uma influência significativa no desenvolvimento linguístico, particularmente no que diz respeito ao latim cristão e à subsequente evolução das línguas românicas, como o português. As estruturas e construções linguísticas oriundas do latim foram amplamente adotadas no português eclesiástico, moldando profundamente as práticas linguísticas das comunidades cristãs. No entanto, é crucial destacar que a influência do latim na língua portuguesa transcende o contexto religioso, desempenhando um papel essencial na formação do idioma como um todo, impactando seu vocabulário, gramática e fonologia de maneira abrangente.

### **Considerações Finais**

Diante das análises apresentadas, podemos concluir que a influência do Cristianismo na linguagem utilizada pelas comunidades cristãs é inegável. As expressões linguísticas empregadas por seus membros refletem a riqueza e diversidade das tradições originadas do Cristianismo. Compreendendo a língua como um fenômeno social e aplicando uma análise sociolinguística, observamos as variações linguísticas presentes nessas comunidades e a profunda influência da fé cristã na linguagem cotidiana e sua evolução ao longo do tempo.

A língua, sendo um reflexo das interações sociais, culturais e históricas, foi profundamente marcada pelo Cristianismo nas construções linguísticas das línguas que se tornaram veículos de expressão da fé cristã, bem como nas regiões onde essa fé foi introduzida. O Cristianismo contribuiu significativamente para o enriquecimento da linguagem cristã com suas terminologias, expressões e



significados específicos. Reconhecer e valorizar essa diversidade linguística é essencial para promover a compreensão intercultural, pois cada variação linguística presente nas comunidades cristãs está enraizada em tradições particulares, que estão intimamente ligadas à sua cultura, história e identidade religiosa.



## Referências Bibliográficas

BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado*: Elementos para uma teoria sociológica da religião. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COSTA, A. J. (1999). “*Dia da semana*”. Enciclopédia Verbo Luso Brasileira de Cultura. Edição Século XXI, vol. 9, Lisboa São Paulo.

COSTA, M.C. (2013). *A Sociolinguística na escola*. São Paulo: Parábola Editorial.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KATO, M. A. (1986). *O Funcionalismo em Linguística*: Introdução Crítica à Gramática Generativa. Contexto.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

MELLO, João Guimarães. *Origem e evolução do latim dos cristãos*: aspectos históricos. [S. l.]: Editora CRV, 1997.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

NOGUEIRA, P.A.S. *Religiões como texto*: contribuições da semiótica da cultura. In: NOGUEIRA, P.A.S. (Org.). *Linguagens da religião*: desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, b.p.-13-30.



SAMU, L. *Cristianismo e sua influência na língua portuguesa*. In: I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2007, Uberlândia. Anais do I Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia: EdUFU, 2006.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1994.

TRENTI, Roberto. *A Formação do Sujeito e a Linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1990.

TRENTI, Z. *La religione come disciplina scolastica*. La scelta ermeneutica. Leumann: Elle di Ci, 1990.

VILAS BOAS, C. M. S.; HUNHOFF, E. D. Um estudo sobre a origem da língua portuguesa: do latim à contemporaneidade, contexto poético e social. *Revista Moinhos, Tangará da Serra*, v. 4, n. 4, 2014.

